

CRISTOFASCISMO EM QUESTÃO: ENTRE A TEOLOGIA POLÍTICA DE DOROTHEE SÖLLE E O PENSAMENTO FRACO DE GIANNI VATTIMO

Carlos Alberto Pinheiro Vieira¹

Resumo

Este artigo analisa criticamente o fenômeno do cristofascismo, compreendido como a confluência entre fundamentalismo religioso e autoritarismo político, a partir do diálogo entre a teologia política de Dorothee Sölle e o pensamento fraco de Gianni Vattimo. Sölle denuncia a instrumentalização da fé cristã como legitimação de opressão, exclusão e violência, propondo uma espiritualidade engajada na justiça social e na libertação dos marginalizados. Vattimo, por sua vez, elabora a noção de “debilidade de Deus” como contraponto à ideia de um Deus onipotente e autoritário, frequentemente convocado para sustentar práticas de intolerância. Longe de significar impotência, essa debilidade representa a solidariedade divina com a fragilidade humana, abrindo espaço para uma religião mais inclusiva, dialógica e compassiva. A aproximação entre Sölle e Vattimo evidencia a necessidade de superar verdades absolutas e de reinterpretar as escrituras em chave contextual, fortalecendo práticas de tolerância e abertura ao pluralismo. No contexto brasileiro, onde discursos cristofascistas têm se intensificado, o pensamento desses autores revela-se especialmente relevante para resistir à manipulação religiosa na esfera política. Tais contribuições nos inspiram à construção de uma espiritualidade pós-metafísica capaz de promover justiça, democracia e fraternidade, reafirmando a vocação do cristianismo como força de transformação social e não como instrumento de dominação.

Palavras-chave: Teologia Política. Filosofia da Religião. Debilidade de Deus.

1 INTRODUÇÃO

O extremismo religioso, presente em nossa sociedade, frequentemente promove violência e ódio em nome de uma suposta verdade absoluta,

¹ Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); integrante do Grupo de Pesquisa “Religião Cristã, Fundamentos e Desafios Contemporâneos (UNICAP/CNPQ)”, vinculado à linha de pesquisa “Religião e éticas da alteridade”, membro da Associação Brasileira de Filosofia da Religião (ABFR), professor da Escola de Educação e Humanidades (UNICAP), locado no Curso de Ciências da Religião (EaD) e colaborador do Instituto Humanitas Unicap — IHU.

distorcendo o papel fundamental da religião na promoção da paz, do diálogo e da convivência pacífica. Em muitos casos, instituições e líderes religiosos agem de forma contrária ao que pregam, excluindo e marginalizando pessoas, o que contribui para a expansão de uma necroespiritualidade² e dificulta o diálogo com a diversidade cultural e religiosa da pós-modernidade.

Nesse contexto, pensadores como Dorothee Sölle e Gianni Vattimo tornam-se relevantes ao criticar o chamado cristofascismo, a união de elementos religiosos e práticas extremistas, e ao propor uma ética baseada no cuidado, na compaixão e na hospitalidade. Eles defendem a superação das verdades absolutas e a necessidade de um diálogo intercultural e inter-religioso, desafiando narrativas autoritárias e dogmáticas e promovendo uma sociedade mais justa e igualitária.

2 SOBRE O CONCEITO DE CRISTOFASCISMO

Segundo Py (2020), autor do livro Pandemia cristofascista, o termo “cristofascismo” foi criado pela teóloga alemã Dorothee Sölle na tentativa de explicitar o vínculo do cristianismo com a ideologia nazista, representada por Hitler. Ao cunhar o termo, ela se preocupou em analisar as relações de integrantes do partido nazi com as igrejas cristãs no desenvolvimento do estado de exceção alemão, pois o governo nazista se utilizou das relações e das terminologias cristãs para a composição do referido governo.

Dorothee Sölle, contribuiu significativamente para a compreensão e análise do conceito de cristofascismo a partir de uma perspectiva crítica e de uma teologia política. Ela explorou as interseções perigosas entre o cristianismo e o fascismo, destacando como certas correntes religiosas

² A necroespiritualidade faz parte da teologia de muitos grupos que se denominam cristãos, mas que se configura como uma teologia totalmente incompatível com a vida, pois exaltam a tortura, incentivam o armamento, alimentam o ódio, a discriminação racial, regional, de classe, de gênero e incentivam o extermínio dos povos tradicionais, fazendo parte de um conjunto de políticas de controle social (biopoder) através da morte e do extermínio desses grupos.

podem ser cooptadas e distorcidas para promover uma ideologia autoritária e opressiva.

As obras de Sölle (1972; 1996; 1999) são testemunhas disso. Nas referidas obras, percebe-se que ela desenvolveu uma abordagem crítica a fé cristã, apresentando-se como um instrumento de poder, exclusão e dominação. Ela enfatiza que essa forma de fundamentalismo religioso se baseia em uma interpretação seletiva e dogmática dos ensinamentos cristãos. O que resulta em uma visão de mundo contrária aos valores de amor, justiça e solidariedade defendidos por Jesus de Nazaré.

Segundo a jornalista e doutora em Ciências da Comunicação, “no tempo presente há posturas semelhantes da parte de igrejas e suas lideranças. O mesmo apoio a supremacias, totalitarismos, a políticas de intolerância e de ódio contra minorias por igrejas no passado estaria vivo entre cristãos no presente” (Cunha, 2018).

Unido ao pensamento de Sölle, percebemos que

[...] este tipo de religião conhece a cruz apenas como um símbolo mágico do que [Jesus] fez por nós, não como um sinal do homem pobre que foi torturado até a morte como um criminoso político (...). Este é um Deus sem justiça, um Jesus sem uma cruz, uma Páscoa sem uma cruz – (...) uma traição aos desprezados, uma arma milagrosa a serviço dos poderosos (Cunha, 2018).

Um bom exemplo disso foi o debate que aconteceu em Brasília, no ano de 2023, mais especificamente em setembro, quando alguns dos nossos deputados se utilizaram da bíblia para legitimar a opressão de pessoas LGBTQIAP+. Em uma sessão tumultuada, a Comissão de Previdência e Família da Câmara dos Deputados tentou na terça-feira (19/09) colocar em votação o projeto do deputado Pastor Eurico (PL-PE) que visa anular o casamento civil homoafetivo, ou seja, entre pessoas do mesmo sexo.

Por meio de suas análises perspicazes e críticas, Dorothee Sölle nos alerta sobre os perigos do cristofascismo e da instrumentalização da religião para fins autoritários. Suas obras fornecem um valioso arcabouço teórico

para compreendermos as dinâmicas do cristofascismo e a importância de uma espiritualidade engajada na luta por justiça e liberdade. Assim nos convida a desenvolvermos uma fé ativa. O objetivo da religião cristã não é a idolatria de Cristo, a cristologia, e sim que nós todos “sejamos em Cristo”, como diz a expressão mística, que tenhamos parte na vida de Cristo (Sölle, 1999).

Ela argumenta que a mística autêntica está profundamente enraizada na busca por uma relação íntima com o divino e, ao mesmo tempo, na responsabilidade de lutar contra as estruturas de injustiça e opressão. Pois, um Deus onipotente que impõe sofrimento, que assiste ao sofrimento do seu povo de cima deve ser sádico e está ao lado dos vencedores. Assim também, uma teologia que imagina um tal dominador supremo, organizador, causador responsável, reflete o sadismo daqueles que a produzem.

No Brasil, o professor Py (2018; 2019; 2020), tem desempenhado um papel significativo ao discutir o tema do cristofascismo e suas ramificações na sociedade contemporânea. Py, tem contribuído para ampliar o debate sobre como o cristianismo pode ser cooptado por agendas políticas autoritárias e opressivas. Sua análise crítica sobre o cristofascismo não apenas chama a atenção para os perigos dessa ideologia, mas também destaca a importância de uma compreensão mais profunda dos ensinamentos cristãos e de como eles devem ser aplicados no contexto social e político. Ele oferece uma perspectiva informada e contextualizada sobre o assunto, enriquecendo o diálogo público e incentivando uma reflexão mais ampla sobre o papel da religião na sociedade contemporânea brasileira. Sua contribuição ajuda a conscientizar as pessoas sobre os perigos do fundamentalismo religioso e a promover uma interpretação mais inclusiva e progressista dos valores cristãos, baseada no amor, na justiça e na solidariedade.

A partir do exposto vemos que, Dorothee Sölle e Gianni Vattimo são dois pensadores notáveis que exploraram temas relacionados ao

cristianismo, política e religião. Suas ideias podem ser vistas como parte de um diálogo mais amplo sobre a relação entre fé, política e a natureza mutável da religião na sociedade contemporânea. Um bom exemplo disso é a perspectiva vattimiana sobre o conceito de debilidade de deus.

3 A DEBILIDADE DE DEUS

Sobre o referido conceito, Gianni Vattimo (2006) nos convida a refletirmos sobre Deus numa perspectiva de acolhimento. Para isso nos provoca com uma proposta de desconstrução do Deus metafísico, forte e violento, em busca da “debilidade de Deus”. A noção de “debilidade de Deus” é um conceito central nas reflexões do filósofo italiano. Em suas obras, ele propõe uma reinterpretação da ideia de Deus, afirmando que a compreensão contemporânea do divino deve ser caracterizada pela sua “debilidade” ou “fragilidade”.

Vattimo argumenta que o enfraquecimento da metafísica, fruto do processo da secularização, não deve ser visto como uma ameaça à religião, mas como uma oportunidade para uma nova forma de compreensão da fé. A “debilidade de Deus” implica reconhecer a vulnerabilidade divina, em contraposição a uma visão tradicional de Deus como uma entidade onipotente e absoluta.

Para o filósofo italiano, essa debilidade divina está relacionada ao fenômeno do “pensamento fraco” (*pensiero debole*), que ele desenvolve como uma abordagem filosófica denominada de pós-metafísica. O pensamento fraco reconhece a contingência e a pluralidade das interpretações, e por isso rejeita a busca por verdades absolutas e privilegia a abertura, a tolerância e a interpretação múltipla.

Na perspectiva do autor, a debilidade de Deus e o pensamento fraco oferecem uma alternativa ao autoritarismo e ao dogmatismo religioso. Por conseguinte, ao invés de uma visão rígida e imutável da religião, ele propõe uma compreensão mais fluida e aberta, que incentiva o diálogo inter-

religioso e a interpretação contextualizada dos textos sagrados, levando em consideração o momento histórico.

Ele argumenta que a debilidade de Deus não é uma fraqueza em si, mas uma força que permite a abertura para o outro, a empatia e a responsabilidade ética. Essa concepção de Deus como fraco e vulnerável está alinhada com a valorização da pluralidade e da diversidade nas sociedades contemporâneas e contribui para uma visão de religião que promove o respeito mútuo e a convivência pacífica.

Para Gianni Vattimo (2004), o Cristianismo é uma Religião que evolui com o advento da Modernidade, no momento em que se destaca, a partir da sua concepção cultural. A ideia de Secularização, no pensamento vattimiano, é fundamental para entender o Cristianismo contemporâneo, pois, na sua concepção, a Secularização se despede das antigas categorias metafísicas, o que elimina a concepção de um Deus mitológico, como foi apresentado pelas narrativas míticas.

Em sua obra *Depois da Cristandade: por um cristianismo não religioso* (2004), ele nos apresenta a proposta de um cristianismo de ultrapassamento, ao se consolidar como um evento de distanciamento às prescrições institucionais da cristandade e como possibilidade de repensar a religião cristã na atualidade.

Diante disso, ele propõe o enfraquecimento ou “fim das verdades absolutas”, através da reconstrução da tradição cristã na denominada pós-modernidade. Essa reconstrução acontece na proposta pelo “fim da metafísica clássica”, baseando-se no pensamento heideggeriano, que visa o fim da pretensão de dominar e manipular o próprio Deus.

Desse fim nasce a liberdade e a criatividade de novas expressões do próprio cristianismo, assim como, ocorre a desconstrução dos grandes relatos, através da dissolução das metanarrativas, desestruturando-se as grandes “verdades” em benefício de uma visão pluralista dos significados, não cabendo mais um discurso fundamentado no pensamento metafísico (Vattimo, 2004).

Com base nisso, podemos afirmar que o Cristianismo, na chamada pós-modernidade, vivencia uma Era que muitos nomeiam como pós-metafísica, ao ligar-se, intimamente, à tradição religiosa do Ocidente e ao pensamento do Ser como evento e como destino de enfraquecimento (Vattimo, 2004). O projeto de “ultrapassagem da Metafísica” indica uma compreensão do religioso que supera uma lógica vitimária e as pretensões autoritárias e intolerantes do objetivismo metafísico.

A noção de “debilidade de Deus” em Gianni Vattimo (2006) representa uma abordagem inovadora e desafiadora da religião, que busca superar as formas autoritárias e dogmáticas de compreensão do divino. Ao enfatizar a fragilidade e a contingência divinas, Vattimo propõe uma visão de religião mais aberta, plural e inclusiva, capaz de responder aos desafios e transformações da sociedade contemporânea.

4 O REDESCOBRIMENTO DA FÉ CRISTÃ

Para Vattimo, a caridade deve ser um dos pilares do cristianismo na luta em favor dos carentes de história, porque eles são, de alguma maneira, a presença da violência que a metafísica lhes impôs, em formas variadas de poder e de domínio (bárbaros/excluídos).

Segundo o teólogo Jung Mo Sung (2008), falar em favor dos pobres não significa muita coisa atualmente. Não podemos perder de vista que, no mundo moderno, todas as colonizações e dominações foram feitas em nome do evangelho e da missão de levar a civilização e o progresso aos povos considerados pelos dominadores como não civilizados e pobres. Ou seja, todos os discursos de opressão foram feitos em nome do bem comum. O que diferencia o cristianismo de libertação de outras correntes é, entre outras coisas, a convicção de que os excluídos não são e não podem ser tratados como objetos da evangelização ou da “promoção” econômica e social.

Para Vattimo, as igrejas devem ser destinadas à mais profunda mudança de coração e contemplação e menos dedicadas à luta pelo

poder, e isso representaria para ele "um redescobrir a fé cristã". Nisso reside o grande desafio da atualidade. Essa mudança poderá ser viabilizada quando for assumido a fidelidade a palavra e a ação de Jesus. Somente assim o cristianismo atual poderá testemunhar a responsabilidade no exercício da caridade. Na verdade, quando Jesus chama à conversão, não indica para crenças ou rituais de qualquer religião, mas aponta para a possibilidade de uma experiência de amorosidade, ou seja, a vivência encarnada do amor.

O cristianismo contemporâneo, portanto, no que se refere à problemática da justiça social, deveria promover e praticar o amor, a caridade e a hospitalidade como fundamento ordenador para amenização da miséria humana em todo o mundo. Deveria falar de um ser cristão (ser-para-outro) num mundo permeado de miséria, mais especificamente uma miséria social. Deveria promover o amor, respeitando as diferenças de etnia, raça, gênero e religião.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Guiados por Dorothee Sölle e Gianni Vattimo, identificamos que o cristianismo contemporâneo enfrenta o desafio de superar tanto o cristofascismo, entendido como a distorção autoritária e excludente da fé, quanto os dogmatismos que negam o diálogo e a diversidade. Sölle denuncia a submissão da Igreja ao poder político e conclama uma fé comprometida com a justiça social e os direitos humanos, enquanto Vattimo, ao propor a debilidade de Deus, convida a reinterpretar como abertura a uma responsabilidade ética. Suas ideias convergem para uma espiritualidade plural, inclusiva e libertadora, capaz de promover uma verdadeira revolução noética, restaurando a consciência humana e inspirando uma convivência mais justa, solidária e fraterna entre todos os povos.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Magali. “Lobos devoradores” e o cristofascismo no Brasil. *Instituto Humanitas Unisinos*, 17 out. 2018. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583800-lobos-devoradores-e-o-cristofascismo-no-brasil>> Acesso em: 4 abr 2023.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si*. São Paulo: Editora Paulinas, 2015.

G1 – O Globo. Comissão da Câmara adia novamente votação de projeto que impede casamento entre pessoas do mesmo sexo. Brasília, 19 set. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/09/19/comissao-da-camara-adia-novamente-votacao-de-projeto-que-impede-casamento-entre-pessoas-do-mesmo-sexo.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2025.

PY, Fábio. Cristofascismo à brasileira na eleição de 2018. *Carta Capital*, Eleições, 21 set. 2018. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Eleicoes/Cristofascismo-a-brasileira-na-eleicao-de-2018/60/41803>. Acesso em: 16 jul. 2020.

PY, Fábio. Cristofascismo em 7 atos: como Bolsonaro usou a alegoria da Páscoa para não perder popularidade. *The Intercept*, 1º maio 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/05/01/cristofascismo-bolsonaro-pascoa/>. Acesso em: 16 jul. 2020.

PY, Fábio. Cristologia pascoal bolsonarista. *Instituto Humanitas Unisinos*, 17 abr. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598117-cristologia-pascoal-bolsonarista/>. Acesso em: 16 jul. 2020.

PY, Fábio. Disposição cristofascista à brasileira. *Ativismo Protestante*, Opinião, 5 out. 2018. Disponível em: <https://ativismoprotestante.wordpress.com/2018/10/05/opiniao-disposicao-cristofascista-a-brasileira-na-semana-das-eleicoes>. Acesso em: 16 jul. 2020.

PY, Fábio. *Pandemia cristofascista*. São Paulo: Recriar, 2020.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *Um Deus para hoje*. São Paulo: Paulus, 2003.

SOLLE, Dorothee. *Deve haver algo mais: reflexões sobre Deus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SOLLE, Dorothee. *Sofrimento*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOLLE, Dorothee. *Teología política: confrontación con Rudolf Bultmann*. Salamanca: SIGUEME, 1972.

SUNG, Jung Mo. *Cristianismo de Libertação: espiritualidade e luta social*. São Paulo: Paulus, 2008.

VATTIMO, Gianni; ROVATTI, Aldo. *El pensamiento débil*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2006.

VATTIMO, Gianni. *Depois da cristandade: por um cristianismo não religioso*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. Trad. de Eduardo Brandão, São Paul: Martins Fontes, 2002.